

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Muitos caminhos levam a praça ou a praça leva a muitos caminhos? Uma narrativa sócio-histórica a partir da Praça de Fátima – Imperatriz, MA. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 41, p. 73-86, ago. 2015.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Muitos caminhos levam a Praça ou a Praça leva a muitos caminhos? Uma narrativa sóciohistorica a partir da Praça de Fátima – Imperatriz, MA

Jesus Marmanillo Pereira

Recebido: 27.01.2015

Aceito: 15.05.2015

Resumo: Tendo a Praça de Fátima como pano de fundo, o presente artigo traça uma narrativa cujo objetivo é demonstrar a relação entre o referido espaço e as dinâmicas sociais, espaciais e históricas que envolvem o processo de expansão da cidade de Imperatriz-MA. Em tal processo serão elencados aspectos das memórias coletivas e individuais e um conjunto de símbolos inseridos na dinâmica de construção identitária do ser imperatrizense. Para tanto, foi utilizada uma abordagem micro analítica focada sobre as experiências de alguns moradores antigos e também sobre um conjunto de fontes caracterizadas na paisagem urbana e nos arquivos locais. **Palavras Chave:** Praça, etnografia da duração, método topoanálítico, construção social do espaço

Introdução

O presente artigo resulta dos primeiros passos do projeto de extensão “Praças do tempo: Cotidiano, imagens e memórias do centro urbano de Imperatriz”, cuja meta é desenvolver uma leitura do centro comercial da cidade de Imperatriz-MA a partir da Praça de Fátima, especificamente das impressões históricas e sociais realizadas no referido espaço público. Sobre a localização da referida cidade, vale salientar que a mesma está inserida na região sudoeste do Maranhão, sendo atravessada pela rodovia Belém-Brasília (leste) e delimitada (a oeste) pelo Rio Tocantins que também serve como elemento geográfico de delimitação das fronteiras entre os estados do Maranhão e Tocantins.

Inserido nesse contexto, o objetivo específico dessa narrativa é demonstrar a referida Praça enquanto ponto estratégico no qual se conectam diversos aspectos relacionados à memória de alguns moradores, aos monumentos, história oficial e diferentes temporalidades - diretamente vinculadas à ideia de pertencimento. Dessa maneira, a mesma pode ser pensada como um elo fundamental que vincula às memórias individuais e coletivas, e conseqüentemente um espaço onde se desenrolam, cotidianamente, processos de socialização e educação que por meio de símbolos e significados apontam o caminho do constructo social “Ser Imperatrizense”.

Para tanto, considere-se a aproximação entre etnografia e narrativa defendida

por Eckert e Rocha (2005) quando explicam que a etnografia é devedora das histórias vividas pelo outro e que essas constituem a matéria prima da qual os antropólogos extraem elementos para problematizar situações e gerar teorias e conceitos. Nessa perspectiva, os antropólogos seriam narradores de histórias vividas, sendo importante considerar a etnografia da memória e da duração dos habitantes. As narrativas dos informantes também são valorizadas por Koury (2005) quando buscou compreender os sentidos de pertencimento vivenciado pelos habitantes de João Pessoa, no Parque Sólon de Lucena. Consideramos também as contribuições de Halbwachs (2006) que nos auxilia a compreender a memória coletiva por meio de expressões concretas dispostas nas paisagens, e Bachelard (2005) cujo método topográfico nos permitiu considerar a multidimensionalidade do espaço e valorizar aspectos não evidentes às primeiras percepções em campo.

Por meio dessas escolhas trabalhei sobre um conjunto de fontes compostas por fotografias históricas, narrativas de alguns moradores próximos e observação direta por quatro meses, no sentido de buscar os significados sociais subjetivos e objetivos que foram traduzidos na elaboração da narrativa que será exposta a seguir. Enfim, buscou-se demonstrar, não só, a centralidade da Praça de Fátima em suas diversas dimensões, mas também compreender tal processo em relação a uma simbologia identitária local.

Tateando os caminhos da duração

Segundo a enciclopédia de Imperatriz (2003) a Praça de Fátima é um espaço público que possui 3.101,29 m² e localiza-se em frente à paróquia Nossa Senhora de Fátima, Catedral da Diocese de Imperatriz, no centro da cidade. Tal espaço é delimitado também pelas avenidas Dorgival Pinheiro, Getúlio Vargas

e Rua Simplício Moreira, como é possível notar no mapa a seguir.

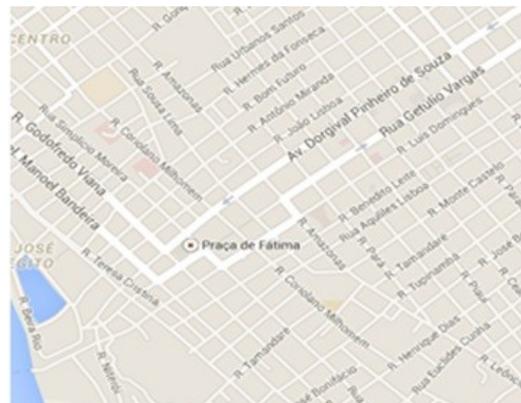


Ilustração 1 – Mapa com localização da Praça de Fátima. Fonte: Googlemaps, 2014

Ela também pode ser compreendida como um espaço central que caracteriza muito a memória e o cotidiano do cidadão imperatrizense, principalmente daqueles consumidores do centro comercial e administrativo da cidade. Tanto o nome da Praça, quando o fato de uma de suas laterais ser ocupada, quase inteiramente, pela igreja Nossa Senhora de Fátima, nos possibilita pensar na existência de uma relação entre a Praça e a Igreja, cuja construção foi iniciada em agosto de 1954.

Contudo a afirmação da existência da centralidade da referida Praça não se sustenta por si só. Dizer que há uma grande movimentação na mesma por conta da sua aproximação com o centro comercial elucidaria pouco da compreensão da dinâmica social e histórica vinculada à formação desse espaço, principalmente se considerarmos que a mesma pode ser pensada, atualmente, como distante dos pontos de chegada e movimentação de passageiros (rodoviária, porto e aeroporto) localizados próximos a BR010 ou nas margens do rio Tocantins, ou seja, locais distanciados da Praça de Fátima. Nesse sentido, nosso primeiro argumento é que a centralidade da Praça pode ser pensada em termos de aspectos espaciais e sócio-históricos, caracterizando-se como um cenário cujas coordenadas constituem-se no entrelaçamento desses aspectos.

Buscando compreendê-los como referência para pensar a centralidade da Praça, parti da hipótese de que tal centralidade poderia ser em relação à igreja de Fátima. Nesse sentido, notei que, em meados de 1952, o Frei italiano Epifânio D'Abadia pediu à prefeitura que marcasse e desmatasse uma quadra para ser utilizada pela igreja, sendo utilizada com a construção de uma capela provisória de palha e, posteriormente, como Praça. (GUIA PAROQUIAL, 2014). Já entre 1952 e 1964 a referida capela foi substituída por uma edificação em alvenaria que ocupou a posição central do terreno (como indica a ilustração 2). Em uma segunda etapa de expansão da estrutura católica no referido terreno, iniciou-se a construção da atual sede em 15 de agosto de 1964, inaugurada em 13 de outubro de 1968 sob o nome de “a gigantesca igreja”, pois ocupou uma área de 924m² e possuía capacidade para 800 pessoas. (ENCICLOPEDIA DE IMPERATRIZ, 2003).



Ilustração 2 - Igreja de Fátima no início da década de 1960. Fonte: Arquivos digitais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

As imagens demonstram a igreja em relação ao vasto terreno. Na imagem 2, que remonta ao início da década de 1960, é possível observar uma grande área deserta com a igreja, um pé de caju, um homem em pé em frente à igreja, e dois se deslocando de bicicleta, passando uma ideia de tranquilidade e centralidade de edificação religiosa, em relação ao terreno. Já a ilustração 3 aponta para uma maior ocupação do terreno com a construção da atual sede da paróquia de Fátima.



Ilustração 3 - Igreja de Fátima em 1968
Fonte: Associação Humanitária de Imperatriz Albé Ambrogio

As imagens explicitam a igreja em relação ao vasto terreno. Na primeira, é possível observar uma grande área vazia com a igreja, um pé de caju que, segundo alguns moradores antigos, servia como local onde eram amarrados dos cavalos das pessoas que chegavam de outras localidades para desfrutar do comércio local estabelecido na área vizinha a Praça. E diferentemente do grande número de carros e motos que caracterizam o contexto atual de segunda maior frota de veículos do estado (DETRAM, 2012), a imagem saudosa descreve um homem em pé em frente à igreja, e dois se deslocando de bicicleta, transmitindo uma ideia de tranquilidade urbana e centralidade de edificação religiosa, em relação ao terreno.

Além de indicar uma maior ocupação do terreno, a ilustração 3 demonstra, também, determinado momento da história urbana de Imperatriz, no qual se nota a Avenida Getúlio Vargas, antes da construção do calçadão, com a preponderância de edificações horizontais, e aberta para o tráfego de veículos. Por meio dela, é possível visualizar toda a extensão da quadra cedida para a igreja, cercada pela Rua Godofredo Viana (atrás), Getúlio Vargas (à esquerda), Dorcival Pinheiro (a Direita) e Simplício Moreira (na frente).

Sobre essas duas últimas fontes visuais expostas, é importante enfatizar que o caráter ilustrativo das mesmas foi mesclado com algumas percepções e memórias presentes nas narrativas de alguns informantes. Por meio dessa ope-

ração observei que as imagens poderiam ser compreendidas por meio de uma ideia de distanciamento e separação. Sobre essa característica analítica com fotografias, Koury (2010) explica que

Como um jogo de separação e distância, o ato fotográfico revela passagens do imaginário, no real. Uma foto é sempre um referente captado em um tempo e em um espaço (distância) diferente e inalcançável pelo sujeito que vê (separação). Ao mesmo tempo é uma separação e lugar que for colocada à disposição ou manipulação. Esta presentificação da fotografia indica um movimento, no sujeito que vê, de atualização de suas lembranças e, em um processo de contiguidade, de aprofundamento da fantasmagoria que invade a vida com recortes do passado, não de todo visíveis na atualidade da foto (KOURY, 2010, p.19).

As relações entre a fotografia e a lembrança, e fotografia e imaginário constituem, por assim dizer, a matéria prima para a própria ideia de duração na etnografia, ou como diria Eckert e Rocha (2005) de etnografia da duração, já que essas duas relações apontam caminhos pelos quais é possível pensar o tratamento da “memória” como conhecimento do “outro” e da forma como ele se percebe no contexto, atribuindo, ao mesmo, sentidos e significados.

Considerando tais prerrogativas teórico-metodológicas buscamos pensar as imagens ilustradas em relação às narrativas de um casal de moradores antigos da Rua Simplicio Moreira (rua frontal a igreja). A senhora Maria da Conceição Silva Souza, de 74 anos e filha de Cearenses migrou para Imperatriz em 1959, juntamente com esposo - senhor Domingos. Daqueles primeiros anos na Rua Simplicio Moreira, ela recorda que trabalhou inicialmente como costureira e depois montou uma pequena confecção, enquanto o Senhor Domingos trabalhava como sapateiro. O vínculo desses antigos moradores com esse espaço

central ocorre em dois âmbitos: primeiramente devido à relação entre os ofícios dos antigos moradores e o espaço comercial propício para o trabalho, por outro lado, os mesmos também eram envolvidos na atividade de catequese da Igreja de Fátima. Sobre as características do centro da cidade, naquela época Dona Maria da Conceição narra:

Quando nós chegamos aqui esse quarteirão da frente era uma coisinha muito... Desse quarteirão pra frente só tinha mato

E não tinha o calçadão?

Não, não tinha.

E a Praça?

A Praça era só um espaço. Tinha a igreja. A igreja nessa época em que chegamos, era uma igreja de palha. Ela era desse lado de cá onde é o posto, e a fretezinha virada pra lá. Lá na frente eles fizeram aquela paredezinha até uma altura, você sabe como é parede de palha que o povo faz com aquele negocio ali, que o povo assistia missa até do lado de fora. Lá dentro da igreja os bodes entravam. Na Praça tinha um bocado de pés de caju onde o pessoal amarrava os animais. E quando era no final de semana, que era dia de feira, que o povo do interior vinha aqui fazer feira, eles amarravam os animais.

Era um tipo de terreno com vegetação?

Só era um terreno mesmo, o povo dizia que era Praça de Fátima porque a igreja era Nossa Senhora de Fátima.

(DONA MARIA DA CONCEIÇÃO, dia 1 de novembro 2014).

A capela de palha, pés de caju e o comercio são percepções presentes tanto nas palavras da antiga moradora quanto na literatura historiográfica local e fotografias da época, que apontam para aspectos relacionados à vinculação com a igreja, a localização espacial e falta de elementos estruturais como calçadas,

bancos e outros aparatos de lazer. Sobre esse último ponto, Noletto (2008) afirma que até 1968 não havia, em Imperatriz, nenhuma Praça em condições urbanísticas mínimas ou com algum benefício público, a não ser a delimitação dos terrenos onde crescia mato e se formavam grandes areões.

As informações coletadas indicaram a existência de uma relação entre a Praça e a Igreja de Fátima. No decorrer da coleta de dados tal hipótese foi comprovada também por meio do diálogo com outros moradores antigos como, por exemplo, Maria da Conceição Medeiros Formiga, e o padre Felinto - que permaneceu por vinte anos na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Tal vinculação está presente não apenas na memória dos moradores antigos, mas também foi materializada em uma estatua de Dom Marcelino Sergio Bicego, colocada no local, em 1985.

Um ponto que nos chama atenção é a própria concepção de Praça presente na narração que nos remete a ideia de que seja um ponto de chegada para a área comercial; uma espécie de área receptadora de consumidores oriundos de outras cidades, cuja nomenclatura é simbolicamente vinculada à igreja. Essa percepção da Praça enquanto ponto de chegada e ponto de partida é presente tanto na narração do casal, Maria da Conceição Silva Souza e o Senhor Domingos, quanto nas palavras da moradora Maria da Conceição Medeiros Formiga, residente nesta cidade desde 1967, como é possível perceber nos trechos a seguir:

Essa casa da esquina foi à primeira rodoviária daqui. Arlindo e Toinha eram os agentes da empresa transbrasiliana e Marajó. Eles vinham (...) era onde pegava o povo e botava o povo. Ali era onde ocorria a venda das passagens, nessa esquina onde vende celular, no prédio.

E o aeroporto?

O aeroporto nosso era aqui depois dos camelódromos e ia pra frente. Ali que era o aeropor. O aeroporto era bem ai só aterrissava aviãozinho pequeno.

(DOMINGOS E CONCEIÇÃO, 1 de novembro de 2014)

A primeira vez que em vim, meu pai me ajudou e eu vim de avião. Porque tinha um avião menor. Mas depois que a estrada foi melhorando eu me transportava de pau de arara para Bacabal.

Onde ficava o aeroporto?

O aeroporto era ali onde fica a Câmara de vereadores, o Fórum, ali onde é a UFMA.

E a rodoviária daqui?

Naquele tempo não tinha rodoviária. Tinha só ônibus, o ônibus do seu (...). Ele ficava só numa porta... Tinha um aqui, mais ou menos, na esquina da Getulio Vargas. Eu lembro demais que eles avisavam que estavam saindo porque começavam a tocar na buzina: Pampampamm pamm pam pam paamm pam paaamm

Asa Branca?

É Asa Branca. Quando eu tava lá em Bacabal e ele passava lá perto de minha casa, eu corria para a porta para mandar carta para Sebastião.

Então a concentração era aqui na Praça de Fátima?

Era o ônibus do seu Dudu, é como se ele fosse à empresa de ônibus que fazia viagem para Bacabal, Barra do corda, Amarante...

(CONCEIÇÃO FORMIGA, dia 2 de novembro 2014).

As citações demonstram que a posição central da Praça em relação à rodoviária – construída em uma casa de esquina (entre a Avenida Getulio Vargas e a Rua Simplicio Moreira) ao lado do terreno da Igreja; e também em relação ao aeroporto - cuja localização se dava a partir de uma quadra paralela a Avenida

Dorgival Pinheiro. Tal posição garantia uma característica de local de chegada e saída da cidade, de onde eram realizados transportes de pessoas para as cidades de Bacabal, Barra do Corda, Amarante, São Domingos do José Feio, Carolina e outras. Para visualizar melhor essa percepção espacial dos narradores, que notavam a Praça como ponto estratégico para quem chegava e saía da cidade, destacamos, na ilustração 4, a localização da Praça em azul, aeroporto por um retângulo amarelo e a rodoviária com um quadrado vermelho.



Ilustração 4 - Localização como ponto de chegada e saída. Fonte: Google Earth, 2014.

Na imagem notamos que a extensão compreendida na área destacada em amarelo possui um número de árvores maior que o restante, caracterizando uma quantidade maior de espaço físico, e menor de edificações. Tais características urbanas ganham sentido quando se tem a informação de que o espaço destacado na representação correspondia ao aeroporto da cidade, ou seja, trata-se de uma estrutura composta por uma grande pista de pouso que depois foi ocupada e planejada. Por outro lado, considerando que a ocupação inicial da Imperatriz, iniciou-se a partir do Rio Tocantins (na esquerda do mapa), é possível visualizar o estádio e edificações cujos terrenos não seguem o mesmo padrão simétrico das quadras organizadas no lado esquerdo do mapa. Tal detalhe reafirma um sentido de crescimento urbano evidenciando, um padrão e planejado e outro “periférico” e não planejado, que poderiam ser classificados também em

termos espaços-temporais como as construções antes do aeroporto e as feitas depois.

Não temos muitos elementos para precisar sobre o processo específico do trecho mais desordenado, mas, o que se quer demonstrar é que a ideia de centralidade já foi, um dia, pensada em relação ao Rio Tocantins e área próxima da igreja Santa Teresa D’Ávila, localizada na Rua 15 de novembro, segunda rua paralela ao rio. Dessa forma o espaço da Igreja de Fátima, também já foi considerado periférico e afastado do “centro” da cidade.

A concentração comercial e de pessoas no entorno da Praça é característico de um processo histórico que pode ser associado a essa localização em relação ao aeroporto e rodoviária, tipos de serviços que necessitam da existência de uma demanda de pessoas para se deslocam para a cidade, e pela cidade. Em relação à movimentação aérea verificamos que:

No final da década de 1930, a cidade de Imperatriz era atendida pelo transporte aéreo regular através de hidroaviões (Junker) operados pelo Sindicato Condor, que utilizou o rio Tocantins de 1939 a 1945. A partir do final da 2ª Guerra Mundial, entrou em operação um aeroporto localizado na área ocupada atualmente por diversos órgãos públicos, dentre eles o Hospital Regional, a Universidade Federal, o Fórum de Justiça e os Colégios Graça Aranha e Dorgival Pinheiro de Sousa. Em março de 1955, começou a operar neste aeroporto a **companhia Cruzeiro**, utilizando aeronaves DC-3. Até dezembro de 1967, o aeroporto foi servido regularmente pela a Real - Aerovias Brasil. Em janeiro de 1968, a **Varig** começou a operar no local, também com a aeronave DC-3, com frequência de dois voos semanais. (INFRA-ERO, Aeroporto de Imperatriz- Prefeito Renato Moreira Em: <[RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 41, agosto de 2015](http://www.infraero.gov.br/index.php/aeroportos/maranhao/aeroporto-de-</p>
</div>
<div data-bbox=)

imperatriz.html. Acesso em: 13 de outubro de 2014.)

Além de detalhar a localização contida na ilustração 4, por meio da citação podemos notar que há uma semelhança entre a localização dos aeroportos e o sentido do crescimento da cidade, já que a construção de Imperatriz iniciou-se pela margem leste do Rio Tocantins e expandiu-se cada vez mais para leste, adentrando em áreas “livres”.

Aponta também o início das primeiras companhias aéreas com DC-3, com capacidade de transporte superior aos hidroaviões.

Se compararmos a cidade com um organismo de veias e sangue, podemos dizer que esses dois estabelecimentos drenaram, em certa forma, a vida social e cotidiana, construindo outra forma de centralidade estabelecida na região da Praça de Fátima. Para compreender melhor esse fluxo de pessoas é importante considerar os estudos do historiador Adalberto Franklin que percebe que:

A partir da década de 70, diversas empresas de Carolina, Grajaú, Tocantinópolis, Marabá e outras cidades, transferiram suas atividades para Imperatriz, reconhecidamente mais próspera e promissora. Também, empresas de outras partes do país começaram a abrir filiais na cidade, dinamizando e reforçando a oferta de bens e serviços nem sempre disponíveis na região. No mesmo período, o Governo Federal financiava e realizava empreendimentos de grande porte na região, entre estes, a construção de estradas, como a Transamazônica e a BR-222, esta conhecida como Açailândia-Santa Luzia, que interferiam diretamente no município (FRANKLIN, 2008, p.169-170).

Franklin (2008) discorre que os primeiros migrantes nordestinos foram atraídos para Imperatriz por conta da disponibilidade de terras férteis para a produção de Arroz, durante a década de 1950. Utilizando os dados dos Censos do IBGE, esse autor explica que após a

década de 1970 a população urbana superou a rural, gerando a expansão da cidade e formação de alguns bairros como o Bacuri, Juçara e Santa Rita. (NOLETO, 2012).

Após esse estudo, observamos que as falas dos antigos moradores entrevistados podem ser compreendidas dentro de um contexto de migração situado em um momento de expansão urbana, no qual a música “Asa Branca” - citada Maria da Conceição Formiga - sinaliza bem esse processo no qual migrantes de vários cantos do Brasil traziam consigo culturas específicas e um objetivo comum caracterizados na execução de projetos de vida, de um recomeço. Nesse sentido, pode-se dizer que a Praça de Fátima pode ser compreendida em termos de um cosmopolitismo regional, marcado na concentração de pessoas, culturas e percepções de mundo oriundas de diversos cantos, sendo uma verdadeira porta de entrada pela qual os migrantes eram apresentados à nova cidade, conhecida localmente como portal da Amazônia.

Sobre o histórico de mudanças na Praça, verificamos que os primeiros investimentos para torná-la um espaço de utilidade pública ocorreram entre 1967 e 1970 (durante o mandato do prefeito Raimundo Souza e Silva) com o levantamento de uma base no meio do terreno para pregar um relógio. Entre 1970 e 1971 (mandato de Renato Cortez) foram construídos bancos de cimento. Em 1973 (mandato de José do Espírito Santo) houve a construção de um novo piso e canteiros elevados. Já durante a década de 1980 (durante a gestão de Ribamar Fiquene) foi colocada a estátua de Dom Marcelino Sergio Bieço.



Ilustração 5 - Cruz e bancos (1980)

Ilustração 6 - Praça de Fátima (1970)

Fonte: Cia, Cristã de Fátima, 2005.

Fonte: Senna Bismarck, 1977.

Sobre esse ator registrado na história local, vale salientar que, segundo Barros (2012) era um capuchinho italiano, que chegou ao Brasil em 1946, e atuou como professor do curso ginásial e Teológico, e também de italiano na Faculdade de Línguas neolatinas no Ceará. Foi pároco em Parnaíba, Barra do Corda e Carolina e recebeu sagração em Imperatriz em 1972, tornando a igreja da Fátima em Paróquia Nossa Senhora de Fátima, realizando o acabamento da mesma com a colocação dos vitrais.

Entre outras coisas é possível observar, por meio das imagens contidas a ilustração 7, abaixo, que além da estatua de Dom Marcelino Sergio Bicego se manter atualmente, o espaço central em frente à igreja perdeu os bancos e edificações oriundos das décadas anteriores. Por meio da observação direta, notamos que além dos degraus da base da estátua, alguns bancos não fixados na Praça (uns de metal e madeira e outros apenas de madeira) também são utilizados por algumas pessoas.



Ilustrações 7 - Estátua de Dom Marcelino Sergio Bicego (frente e verso)

Fonte: Marmanillo, 2014.

Se fossemos pensar uma periodização histórica, é possível considerar que a Praça de Fátima possui sua centralidade vinculada a um segundo momento da história da cidade, caracterizado fortemente pela expansão dos limites urbanos, aumento demográfico e expansão da igreja, significando um espaço público estratégico para a compreensão da própria dinâmica sócio-histórica local. Não por acaso alguns atores buscam deixar suas marcas no referido espaço, como explica Noletto (2012):

A Praça de Fátima é o centro social e comercial de Imperatriz. Nela, cinco prefeitos pretenderam deixar sua marca. O primeiro foi o prefeito Raimundo Silva, que iniciou sua construção. Renato Moreira, que o sucedeu, desmanchou o início da obra existente e levantou outro projeto. Três anos depois, o prefeito Xavier também desmanchou o que restava da antiga Praça e recomeçou tudo de novo. Não querendo ficar atrás, o interventor Bayma Júnior destruiu a Praça do Xavier e construiu novo piso e canteiros elevados. O Prefeito José Ribamar Fiquene retirou os canteiros elevados e deu à Praça de Fátima nova feição. Finalmente o prefeito Jomar Fernandes conferiu à Praça de Fátima o formato que permanece até os dias de hoje. Nossa esperança é que, com tanto o que fazer nesta cidade, que não para de crescer, os prefeitos deixem a Praça de Fátima como está por algum tempo, com a gruta de Fátima e estátua de Dom Marcelino, nosso saudoso bispo. (NOLETO, 2012, p.87)

Para o autor a Praça seria também um local onde é possível deixar “marcas” no âmbito da política local, ou seja, mais que um espaço físico concreto a importância social da Praça de Fátima também ronda no âmbito das representações e memória coletiva, tornando-a um importante cenário onde se expressam diversas disputas que envolvem diferentes percepções de mundo. Ela pode ser compreendida enquanto monumento (LE GOFF, 1990), já que teve caracterizado, em seu espaço físico, esforços de imposição de imagens de determinadas personalidades, caracterizando-se como um tipo de documento histórico fabricado segundo determinadas relações de forças. Seguindo a mesma lógica, às calçadas sempre podem ser associadas a determinado prefeito, enquanto o piso a outro, a primeira reforma a um terceiro... Assim, estruturas concretas como bancos, calçadas, canteiros, estatuas podem ser pensados, nas relações sociais, enquanto indicadores empíricos de memória coletiva (HALBAWCHS, 2006) que reforçam o papel didático e educativo do referido espaço, compreendido também como espaço comunicacional e de integração.

Observamos que a construção de sentidos para as ações de concentração na Praça de Fátima demonstram uma série de memórias e representações que são invocadas pelos atores que dão vida social ao local, indicando que as “marcas” e tentativa de construção das mesmas ocorrem não apenas no âmbito das grandes instituições e atores notáveis como a igreja e suas lideranças, prefeitos, governadores etc.. mas também de acordo com as experiências cotidianas.

Nesse sentido, o do contato com o casal Senhor Domingos e Dona Conceição nos possibilitou o acesso a um panfleto (Anexo) que fazia menção a memória de 28 anos do assassinato do padre Josimo ocorrido no prédio anexo da igreja da Fátima. Segundo o Jornal “O

Progresso” (2014)¹ o referido padre, que era um dos coordenadores da Comissão da Pastoral da Terra (CPT) sediada em Imperatriz, foi morto pelas costas quando subia a escadaria da sede da CPT, na Avenida Dorgival Pinheiro de Sousa, Centro, onde hoje funciona a sede da Diocese de Imperatriz.

Além da morte do referido Padre está bem relacionada ao espaço da Igreja de Fátima, localizada na Praça, o cartaz do evento relacionado à Memória dos 28 anos do assassinato do Pe. Josimo informa que a vigília e missa ocorreram especificamente no local do assassinato e na catedral de Fátima, o que nos faz pensar em um processo de hiper-ritualização (GOFFMAN, 1991) do espaço com vista a reforçar a memória coletiva da comunidade católica local. Trata-se de um conjunto de ações que se repetem anualmente e que são orientadas pelo triste episódio ocorrido na manhã de 10 de maio de 1986 - a morte do padre. Para compreender a importância desse espaço público para as ações de concentração, podemos também considerar a seguinte explicação dada pela antiga moradora e participante da comunidade católica, Maria da Conceição Formiga Medeiros:

Na parte religiosa, lá desde muito tempo é o lugar das celebrações. Por exemplo, todos os *corpus Crist* são celebrados lá, só agora que Dom Gilberto chegou, que ampliou demais que ta indo para o estádio. Mas as outras são todas ali na frente. A gente faz uma caminha, ou começa ou termina na Praça de Fátima². Os movimentos sociais também se tem alguma coisa vão lá pra Praça de Fátima.

¹<http://www.oprogresonet.com/cidade/programacao-lembrar-28-anos-da-morte-de-padre-josimo/46878.html> 09/05/2014 10h30 - Atualizado em 24/11/2014 11h29 Publicado em Cidade na Edição Nº 14998

²Para compreender melhor as caminhadas relacionadas à Praça de Fátima verificar o anexo contendo uma caminhada em homenagem ao Padre Josimo.

tima. (Conceição Formiga, dia 2 de novembro 2014).

Sem muita dificuldade observamos, tanto em dados da imprensa, quanto nas inserções em campo, que de fato as mobilizações e concentrações costumam ocorrer no referido espaço. Por exemplo, durante as manifestações de junho de 2013 a Praça de Fátima apareceu no portal do G1, com a informação de que por volta das 16 h os organizadores da passeata afirmavam que havia cerca de sete mil manifestantes reivindicando melhorias no transporte público, na educação, saúde, segurança etc.



Ilustração 8- Mobilização na Praça de Fátima.
Foto Sidney Rodrigues, 2014.

Mais do que ilustrar uma concentração na Praça de Fátima, essa imagem - publicada no site G1 com o título: Três cidades maranhenses realizam protestos nesta quinta-feira- expõe uma série de atores em diversas ações e interações em relação a possíveis visualizadores dos cartazes de protesto, em relação a aparelhos eletrônicos e em relação a um conjunto de ações cujo aspecto associativo foi enfatizado em relação aos protestos de junho. É um cenário que mescla temporalidades fazendo alusão à estátua do Dom Marcelino Sergio Bicego, associada tanto ao papel da igreja de Fátima quanto à gestão do prefeito Ribamar Fiquene.

Para compreender melhor o contexto de produção da fotografia da mobilização na Praça de Fátima, entramos em contato com o fotógrafo Carlos Sidney Rodrigues Pereira, imperatrizense de 38

anos e assessor de comunicação da Prefeitura de Imperatriz. Sendo procurado pela “Mirante comunicação” - representante do portal G1 em Imperatriz, o fotógrafo lhes forneceu um conjunto de fotografias que compunham a cobertura completa das manifestações na referida cidade. No entanto os produtores do portal, ao produzirem uma reportagem sobre as mobilizações nas principais cidades do Maranhão, escolheram a fotografia da mobilização na Praça de Fátima para descrever como foi a situação em Imperatriz.

Você me disse que forneceu varias fotos. Então achas que essa foto veiculada foi a melhor?

Eu acho que tem fotos melhores. Por exemplo, a da Luís Domingues que eu subi em uma casa de andar lá, tirei pegando toda a Avenida. Eu achei que ela seria... Porque dava uma ideia da quantidade de gente, do tamanho que foi a manifestação.

Mas pra eles, acho que essa foi essa foto ai, foi por causa da questão da localização, da Praça. Ai então faz um lugar emblemático, porque a gente tem que ler a foto né. Tem muita gente, muitos jovens, e tem a estatua lá no fundo que é a marca da parte central da cidade. Então eles quiseram mostrar que toda a cidade estava toda envolvida, naquela parte central lá... naquela parte onde sempre junta muita gente. A estatua é emblemática... (RODRIGUES, 25 de novembro de 2014).

É importante destacar o significado da Praça é expresso nas palavras do fotógrafo quando explica a relação entre a centralidade e a estatua de Dom Marcelino Sergio Bicego. Associada ao termo emblemático tal percepção nos remete a um processo de manipulação e construção de significado, possibilitando perceber a fotografia pelos significados atribuídos ao espaço e símbolos nele contido.

Por outro lado, ao considerar que Dom Marcelino Sergio Bicego era ori-

entado pelas ideias do Concílio Vaticano II (que pressupunha maior inserção da igreja no social) e que entre os entrevistados foi perceptível um carisma e declarações que o expõe como um clérigo engajado, notamos que o significado de mobilização para causas sociais também poderia ser vinculada ao referido espaço, não só pela posição geografia central, mas pela conduta do clérigo “imortalizado” na Praça.

Sem condições de aprofundar sobre a questão dos filtros culturais, presentes no processo de enquadramento da imagem pode pensar que a percepção do fotógrafo sinaliza a construção de um conhecimento social do espaço vinculado a história e pertencimento do mesmo. Enfim, podemos notar que “O registro visual documenta (...) a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo assim, em suas imagens...” KOSSOY (2001 p.43).

Enfim, o site com a reportagem desempenhou, entre outras coisas, um papel de reafirmação de uma percepção sobre a cidade como representada por meio da Praça de Fátima. Percebida como o “lugar que junta gente”, o lugar vinculado ao centro comercial, e a igreja de Fátima. O espaço que é, por excelência, o palco onde são expostas diferentes interpretações oriundas de vários segmentos sociais, e que representam a reafirmação ou outras possibilidades de leituras da História da cidade e, conseqüentemente, da própria Praça de Fátima.

Em trabalho semelhante, Marmanillo (2012) analisou as Plazas de Armas e San Martin, em Lima, e percebeu que a centralidade espacial, das mesmas, também lhes conferia importância enquanto local de comunicação, de difusão de informação sobre determinadas demandas. Dessa forma, a Praça também é lugar de expressão da indignação diante de determinadas questões, o espaço de reviver a memória e reafirmar um per-

tencimento local. Seguindo esse pensamento, o autor explica que a Praça:

É o espaço cuja centralidade geográfica, subjetiva e histórica é capaz de propiciar um ambiente favorável para tipos de relações sociais que ganham caráter coletivo e identitário. Com isso, pode-se dizer que a palavra “centralidade”, útil na caracterização desses espaços, ganha uma dimensão complexa, transitando pelas dimensões históricas, espaciais e sociais fundamentais no processo de constituição de uma unidade e identidade local. Nesse mesmo raciocínio a fenomenologia de Bachelard (2005) expõe que é pelo espaço e no espaço que se encontram os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. (MARMANILLO, 2012, p.437).

A partir de tais dimensões é possível pensar os processos de interação e identitários por meio do diálogo entre elementos da memória coletiva e sentidos existentes nas percepções e trajetórias dos indivíduos que interagem no espaço da Praça. Seguindo esse viés, a Praça teria sua centralidade enquanto variável estrutural ou macrosociológica, ou seja, construída coletivamente, sem perder, no entanto, sua característica espacial e de fruto direto das interações. Sobre essa forma de abordagem, que combina elementos estruturais e microsociológicos, Nunes (1993) explica que é possível expandir a análise de quadros por meio de conceitos como quadros primários ou ancoragens, vislumbrando interpretações que transcendam a análise de situações particulares e subjetivas.

Dessa forma a relação entre dimensão cognitiva da participação dos indivíduos em suas narrativas, as experiências sociais e processos de interação dos mesmos, podem ser analisadas em relação aos significados sócio-históricos constituídos nos cenários onde ocorre o desenvolvimento da vida cotidiana, ou seja, ao escapar da observação imediata

e pitoresca sobre o ambiente da Praça, é possível compreender determinadas ações de acordo com significados que transcendem temporalidades e experiências sobre o local pesquisado, aproximando-se daquilo que Bachelard (2005) chama de toponálise. Por esse caminho, as interações da Praça podem ser analisadas em relação à multidimensionalidade dos espaços públicos, pensado em seus significados possíveis, características funcionais, políticas, sociais e históricas.

Conclusão

Enfim considerando, pelo exposto até então, que a Praça de Fátima carrega consigo uma espécie de centralidade espacial e sócio-histórica que marca a sociedade imperatrizense, é possível inferir que muitos caminhos levar à Praça. Seja pelos caminhos das memórias e narrativas ou das experiências cotidianas, a Praça de Fátima caracteriza-se por ser um espaço onde as concentrações se notabilizam e tem seus sentidos reforçados pelos próprios significados associados à Praça e sua relação com a sociedade local.

Por meio do método toponalítico é possível pensar tal espaço enquanto constructo social observado pelo viés da duração, significando um local onde as experiências dos habitantes do centro, ganham sentido. Representa um tipo de ponto estratégico para a compreensão do intercruzamento entre as histórias individuais e a história coletiva. Seja pelos símbolos, monumentos ou pelas narrativas, a centralidade da Praça ultrapassa a questão espacial e temporal, apontando ainda uma centralidade metodológica para a compreensão da própria história social de Imperatriz, a respeito do referido espaço público.

É local de integração e ritualização do passado e cotidiano; um complexo documento de onde é perceptível uma série de variações paisageiras (Eckert, 2009) já que toda sequencia de mudan-

ças no local guarda consigo trechos da memória e da experiência de seus habitantes, o caracterizando como uma rica possibilidade para o desenvolvimento de uma etnografia da duração sobre o referido espaço público, ou seja, uma etnografia da duração e do espaço cujo foco recai sobre o processo social de formação dos mesmos.

Nesse sentido, a compreensão do ser imperatrizense passa diretamente por tais experiências percebidas nas narrativas, e também concretizadas no espaço e história local. Trata-se de um aprendizado transmitido oralmente e por meio da paisagem que ganha sentido tanto no que há de mais coletivo em termos de memória, quanto nas próprias trajetórias pessoais, caracterizando um objeto complexo e a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. Enfim, longe de esgotar as possibilidades de interpretação para a Praça de Fátima, esperamos ter demonstrado a riqueza da mesma como ponto de partida para várias análises sociais focalizados nas variáveis da duração e do espaço.

Referências

BACHELARD, Gaston. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana In: *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ECKERT, C. “As variações paisageiras na cidade e os jogos da memória”. In: SILVEIRA, Flávio Leonel da; CANCELA, Cristina Donza (Org.). *Paisagem e cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Paisagem e cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade, v.1, 1ª ed. Belém: EDUFPA - Editora Universitária: 2009, p. 87-97.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. “Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo”. *Iluminuras: série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais*, v. 2, n.3, p. 1-12, 2001.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.

FRANKLIN, Adalberto. *Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

GOFFMAN, Erving. La Ritualización de la feminidad. In: GOFFMAN, Ken (Org.). *Los Momentos y sus Hombres*. Barcelona: Península, 1991, p. 135-168

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARMANILLO, J. P. Por las plazas, calles e avenidas Limeñas. Espaço, tempo e percepções cotidianas na capital peruana. *RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, p. 428-457, 2012.

NOLETO, Agostinho. Imperatriz: desenvolvimento urbano In: *Imperatriz: 160 anos/Academia Imperatrizense de Letras*. Imperatriz, MA: AIL, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pertença e uso do espaço público: Um passeio através do Parque Sólon de Lucena. *Studium*, v. 19, p. I-V, 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Relações Delicadas: ensaios em fotografia e sociedade*. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2010.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PASTORELLI, Anna Maria. *Um coração palpitante*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

Sites consultados

<http://www.panoramio.com/photo/95840171> (Fotografia oriunda dos Arquivos digitais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)). Acessado em 7 de outubro de 2014.

<http://museu-virtual.blogspot.com.br/2010/10/vista-aerea-da-praca-de-fatima-em-1968.html> (Fotografia oriunda da Associação Humanitária de Imperatriz Albé Ambrogio). [Acesso em 05.10.2014].

<http://www.infraero.gov.br/index.php/aeroportos/maranhao/aeroporto-de-imperatriz.html> acessado em 13 de outubro de 2014.

<http://www.detran.ma.gov.br/Paginas/Detalhe/9546>. Acessado em 10 de janeiro de 2015.

<http://www.flogao.com.br/cocrifa/7357811>. (Companhia Cristã de Fátima). Acessado de em 09 de janeiro de 2015.

Outros documentos

Guia Paroquial da Igreja Nossa Senhora de Fátima

Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852-2002. Editor e redator Edmilson Sanches Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

Entrevistados

Carlos Sidney Rodrigues

Maria da Conceição Silva Souza

Maria da Conceição Medeiros Formiga

Sr. Domingos

Abstract: Having the Fatima' Square as a backdrop, this article provides a narrative whose purpose is to demonstrate the relationship between that space and the social, spatial and historical dynamics involving the process of expansion of the city of Imperatriz-MA. In such a process will be listed aspects of collective and individual memories and a set of symbols inserted in the dynamics of identity construction of be Imperatrizense. Therefore, a micro analytical approach focused on the experiences of some former residents and also on

a number of sources characterized the urban landscape and the local files was used.
Keywords: square, the term ethnography, top analytical method, social construction of space

Anexo

CAMINHADA SILENCIOSA
 À LUZ DE VELAS *por*
Justiça e Paz!

Participe deste gesto de Solidariedade
 às vítimas da violência e de manifestação
 do nosso desejo de Paz.

DIA 2
 Fevereiro

Saída da Catedral às 18:30h
 (Santa Missa após a caminhada)

TRAJETO

RUA JOÃO LISBOA
 RUA SOUSA LIMA
 AV DOREVAL PINHEIRO DE SOUSA
 RUA SIMPLICIO MOREIRA
 CATEDRAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

“A cultura do amor e da paz,
 que tanto almejamos, é um dom de Deus,
 mas é também tarefa nossa.”
 - CARTA DOS BISPOS DO MARANHÃO AO POVO DE DEUS

BIDOCSE DE IMPERATRIZ